

PLURALISMO RELIGIOSO NA EUROPA



Desde o 11 de Setembro de 2001 têm-se sucedido os encontros e os colóquios sobre a "diversidade religiosa", embora muitas vezes esta diversidade tenha sido apresentada como "pluralismo religioso". Houve assim um trabalho informativo sobre religiões minoritárias em várias sociedades. Esse trabalho é importante porque clarifica o "mosaico" cultural que se intensificou no continente europeu a partir da II Guerra Mundial.

Mas o pluralismo não é o mesmo que diversidade, embora sobre ela se construa.

A diversidade corresponde a uma análise fenomenológica daquilo que se observa quer dentro da mesma espécie quer entre espécies diferentes. Manifesta-se na natureza, nas culturas que exprimem a identidade de cada povo, nas relações entre Estados, na variedade de crenças. O reconhecimento da diversidade é um imperativo da convivência saudável, do funcionamento pacífico de todas as instituições e, no limite, da sobrevivência da humanidade e de todos os sistemas de suporte da vida.

Por seu turno, o pluralismo, embora exija a conjugação desses vários elementos da diversidade, não se esgota aí. A interacção de todas as áreas da vida, na realidade a que chamamos mundo, é a sua característica. Nenhuma realidade viva é redutível a um elemento único. A existência do ser é sempre plural. A pluralidade é constitutiva do ser humano do mesmo modo que a pluralidade é a base de todo o sistema social e político. |

Não só cada ser humano é único mas são hoje conhecidas as correlações que existem em cada ser humano. No limite, o ser humano é o sistema mais complexo que conhecemos.

repercutido nas estruturas e instituições vocacionadas para a paz.



Ao partir de um olhar que reconhece a pluralidade, é muito tentador cair num sincretismo a que se vão buscar textos de várias religiões, rituais, métodos de contemplação. Tudo isso pode ser uma ajuda para criar em nós uma apetência para a realidade espiritual. Mas o encontro religioso esse só pode progredir se tiver lugar entre pessoas religiosas. Que entendemos com esta expressão?

Cada religião – cada culto - está associada a uma cultura. A Europa não é excepção. Embora muitas civilizações tenham atravessado o continente e aí deixado traços indeléveis (celtas, germânicos, vikings, entre outros) é sobretudo o mundo mediterrânico – Grécia e Roma – que moldou a filosofia, a ciência, a lei e, acima de tudo, os mitos primordiais. No contacto com o universo da Antiguidade, o Cristianismo herdou elementos fundamentais. Santo Agostinho foi o primeiro a levantar as grandes questões filosóficas. Mais tarde, místicos e teólogos abriram caminho a uma espiritualidade que só ela dá justificação para estabelecer as condições do pluralismo religioso neste continente.

É certo que ao longo dos séculos outras culturas ajudaram a forjar a Europa. Mas deu-se uma assimilação progressiva e, embora várias comunidades de outras culturas e de outras religiões aqui apresentem uma forma própria, a Europa tem mantido a sua identidade, ora forte e afirmativa ora dubitativa e questionadora.

Há valores que, embora atraídos em várias épocas da história,

constituem o legado específico da civilização europeia.

Revisitá-los é um imperativo muito especialmente na época

que vivemos e no momento em que se dão passos decisivos para o novo rosto da Europa.



Reconhecendo a laicidade do Estado bem como a independência dos Estados em relação a todas as grandes religiões, é fundamental que a Europa no seu conjunto lhes forneça um quadro jurídico de acordo com a realidade fenomenológica.

Ao mesmo tempo, reconhecendo que a sociedade, ela, é plural, que foi moldada por valores religiosos, e que tem necessidade de referências espirituais, tem o maior significado na constituição europeia a clara afirmação do mistério de Deus na vida humana. |

Maria de Lourdes Pintasilgo

Fundação Cuidar o Futuro